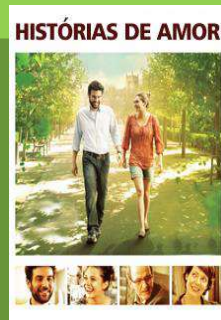




Filmes completos



Filmes. Índice



1. **Substitutos** (Unidade 1)
2. **Histórias de amor** (Unidade 2)
3. **Feitiço do tempo** (Unidade 3)
4. **Em um mundo melhor** (Unidade 3)
5. **Os últimos passos de um homem** (Unidade 4 e 5)
6. **Jornada pela liberdade** (Unidade 3 e 5)
7. **Uma prova de amor** (Unidade 1 e 5)
8. **Um amor para recordar** (Unidade 6)

Avaliação dos conteúdos específicos dos filmes (de 0 a 4):

- Ação (AC)
- Amor (AM)
- Lágrimas(L)
- Risos(R)
- Sexo (S)
- Violência (V)



Substitutos

Ano	2009	Duração	88 min.
Diretor	Jonathan Mostow		
Intérpretes	Bruce Willis, Radha Mitchell, Rosamund Pike, James Cromwell, Ving Rhames		
Unidade	1.- EU		
Gênero	Ação, Ciência ficção		
Conteúdos	AC-3, AM-2, L-0, R-0, S-1, V-1		

Resumo

Baseado em uma história em quadrinhos, este filme parte de uma perturbadora ideia central. Se hoje em dia de celulares e computadores tornaram-se indispensáveis na sociedade no futuro onde a trama se desenrola há os chamados "Substitutos". Estes Substitutos são robôs com 100% de aparência humana e que são réplicas melhoradas de seus proprietários.

Os homens ficam em casa enquanto seus Substitutos estão na rua, ligado ao cérebro do seu proprietário. Assim, os humanos evitam os riscos das ruas podendo parecer sempre jovens e com uma aparência exterior de acordo com o proprietário do Substituto.

O agente do FBI Greer, desencantado e ansioso policial interpretado por Bruce Willis, tem de investigar o misterioso e incomum crime de uma pessoa através da destruição do substituto ao qual esteve ligado. Enquanto pesquisa com a ajuda de sua parceira (a agente Peters), o agente Greer tenta reconstruir sua vida familiar, uma vez que seu filho morreu em circunstâncias trágicas, enquanto sua esposa só se relaciona com ele através de seu duplicado.

Temas para o diálogo

1.- Meu corpo é parte da minha pessoa. Eu sou o meu corpo

Durante o filme, torna-se clara a deterioração que é para a pessoa a usar um objeto, um "corpo" (o *substituto*) como um meio de se relacionar com os outros.

Esta deterioração é claramente vista no matrimônio de Greer e sua esposa. Há uma cena (minuto 13), onde Bruce dialoga enquanto toma café da manhã com sua esposa (com o "*substituto*" de sua esposa).

- *Bruce*: Por que não vamos viajar juntos?
- *Sua esposa*: Podemos ir para o Havaí (ela refere-se a seu substituto).
- *Bruce*: Pensava em nós, você e eu ficarmos juntos em algum lugar.

1.- Meu corpo é parte da minha pessoa, Eu sou o meu corpo (cont.)

- *Bruce*: Ultimamente não passamos muito tempo juntos.
- *Sua esposa*: Nós estamos juntos todos os dias.
- *Bruce*: Os substitutos, não você e eu.

O relacionamento de Bruce Willis com sua esposa é frustrante porque embora ele possa se comunicar com ela, com toda a sua personalidade, a forma de ser, etc., lhe falta o seu corpo para realmente ter um encontro interpessoal. Nós somos corporal, em todas as ações entra em jogo nosso corpo, isto é, é no corpo, onde a pessoa se exprime.

Em outra cena (min. 52), Bruce está em uma festa que organizou sua esposa com outros substitutos em uma atmosfera totalmente hedonista. Bruce se comporta de maneira muito violenta com um dos substitutos, com a passividade do resto que estão na festa. Após esta cena violenta, é levado a um diálogo entre Bruce e sua esposa / substituto onde novamente se vê a necessidade de ter um relacionamento completo, e não através de um objeto.

- *Sua esposa*: O que você quer de mim?
- *Bruce*: Eu te amo, eu amo minha esposa.
- *Sua esposa*: Eu sou sua esposa e não quero vê-lo.
- *Bruce*: (acariciando a face de sua esposa / substituto) Não, esta não é minha esposa, eu quero a mulher que está este corpo, minha esposa.

2.- Utilizar o corpo como um mostruário irreal da pessoa

Em diferentes cenas do filme é mostrado como o culto ao corpo em que vivemos hoje é levado ao extremo. Os Substitutos são projetados para que todos os sonhos de seus proprietários fossem cumpridos, e em alguns casos esses sonhos levam a ter um corpo / substituto completamente diferente do corpo real da pessoa.

Por outro lado, a esposa de Bruce utiliza os substitutos como proteção externa que permite isolar-se do mundo real (por muito que se use o substituto, nunca mais terá ao lado o ser amado que perdeu).

3.- O uso da tecnologia sem uma referência moral

Os 3 primeiros minutos do filme são muito interessantes porque mostram como eles vão encontrando justificativas de todos os tipos de para o uso cada vez mais generalizado de substitutos, sempre com um enfoque útil, mas sem ter uma visão completa da pessoa.

Por outro lado, a utilização final é mostrado no filme como a substituição da pessoa por meios tecnológicos pode ser aplicado ao que acontece hoje com a criação de personalidades paralelas em redes sociais. Isto é muito relevante para a nossa juventude, que nasceram de em um ambiente digital e deve aprender a ver todo o bem que tem os meios de comunicação atuais, mas também o uso indevido deles que possa chegar a produzir.

HISTÓRIAS DE AMOR



História de amor

Ano	2012	Duração	97 min.
Diretor	Josh Radnor		
Intérpretes	Josh Radnor, Elizabeth Olsen, Richard Jenkins, Allison Janney, Elizabeth Reaser.		
Unidade	2.- TU		
Gênero	Comedia romântica		
Conteúdos	AC-0, AM-3, L-2, R-2, S-0, V-0		

Resumo

Desencantado com seu trabalho e com um futuro incerto, Jesse Fisher (J. Radnor) insatisfeito professor Universitário de Nova York de 35 anos, retorna à sua antiga universidade para o jantar de jubileu de seu professor favorito. Um encontro casual com Zibby (E. Olsen), uma precoce estudante de 19 anos de idade, desperta em Jesse sentimentos que acreditava esquecidos. Ambos sentem uma atração poderosa que termina em romance, mas terá de enfrentar muitos obstáculos, especialmente a diferença de idade entre eles.

O filme mostra de forma muito clara a imaturidade afetiva que tem muitos jovens, e outros nem tanto jovens. O mesmo diretor o expressa claramente: “Tens que viver as coisas com mais profundidade, com relações mais pessoais, carinhosas e inocentes, que vá além de uma simples atração sexual e da ansiedade por satisfazê-la imediatamente.” e assegura: “Ao contrário do que é habitual, hoje em dia, aqui proponho conhecer o amado emocionalmente ao invés de fisicamente.”

Temas para o diálogo

1.- Imaturidade afetiva

O protagonista, Jesse, não sabe o que é o amor, é um analfabeto afetivo. Tem uma clara imaturidade afetiva (síndrome de Peter Pan). Quando Jesse volta a universidade para ver seu antigo professor a ponto de retirar-se sente nostalgia pelo tempo que passou e vê como a melhor época da sua vida.

Nesse momento começa a conhecer uma menina muito mais jovem que ele e se sente atraído porque em parte quer voltar a época da juventude.

(min 27):

- *Jesse*: “...na universidade tínhamos a sensação de que tudo era possível, se apresentavam infinitas opções, ao sair da universidade a vida continua e temos que tomar decisões, e todas as opções que tínhamos já não estão mais ali.... há algo deprimente nisso...”

1.- Imaturidade afetiva (cont.)

- *Ziddy*: “Você não está idealizando demasiado a juventude?”

(min 51):

- *Jesse*: “... a universidade é a época em que pode ler livros para, manter boas conversações,... aqui podes dizer sou poeta e ninguém te dará uma punhalada por isso...”

No caso de *Ziddy* também há insatisfação com o tempo de maturidade (41 min: “... os caras por aqui ainda estão entre 19 e 22 anos e ainda se comportam como tal ...”).

Tanto no caso de *Jesse* como no de *Ziddy* é mostrado uma imaturidade afetiva que tenta fazer avançar ou atrasar o relógio das suas vidas.

Isto ocorre até que, após uma situação emocional intensa (o encontro sexual frustrado com *Ziddy*), a relação muda completamente.

Jesse percebe que deve amadurecer e “... voltar à idade adulta ...”. Por sua vez *Ziddy* reconhece que tentou usar *Jesse* como um atalho para chegar a um nível de maturidade que não correspondia a sua idade (min. 89).

2.- Visão da sexualidade parcial

Há um momento do filme (min. 65), onde *Ziddy* lhe propõe manter uma relação sexual. *Jesse* está disposto, mas ao dizer *Ziddy* que ela é virgem, ele diz a ela que ele não pode fazer e se vai. Então ele conhece *Judith*, sua antiga professora de literatura romântica, totalmente desencantada com a vida, e mantêm uma relação sexual sem qualquer apego emocional.

No relacionamento de *Jesse* com a professora é claramente mostrado como um encontro sexual em que apenas se busca o prazer não ajudam a construir a pessoa, tudo o que consegue é que a pessoa se feche em si mesma.

Por outro lado, se mostra a visão parcial que tem *Ziddy* da sexualidade (“Eu queria que você fosse o primeiro, porque foi a primeira vez que eu conheci alguém que me inspirou bastante confiança e me agrada o suficiente”) ..

Ao contrário da professora, *Ziddy* compreende, neste caso, a relação sexual, não apenas como uma busca de puro prazer. Ela acha que, para poder manter uma relação sexual é imprescindível (e suficiente) que a pessoa que lhe dê confiança de que você está confortável com ele que a ama naquele momento. É uma visão parcial da sexualidade que não mostra a entrega completa que deve ter alguém para poder amar com o corpo.

2.- Visão da sexualidade parcial (cont.)

Nas palavras do diretor do filme: "... em muitos filmes, o romance se descreve desde a fantasia, como se todos os problemas fossem resolvidos através do amor. No entanto, um relacionamento real não é assim. A vida real ensina que você deve olhar através dos olhos do amado. Isso não lhe poupa a dor, mas abre uma perspectiva mais lúcida a partir do qual você pode aprender. Um bom relacionamento é difícil, mas muito gratificante. E isso me parece mais real do que qualquer tipo de fantasia".

Esta visão que nos descreve Josh Radnor é positivo, mas não completa. Mostra que a sexualidade não é apenas genitalidade, busca de um prazer como o objetivo final, mas não completa a visão da sexualidade como capacidade de expressar o amor que Deus inscreveu no homem.

Jesse não mantêm um relacionamento sexual com Ziddy porque é virgem e jovem (min. 66: "... o sexo é muito complicado, eu não entendia isso quando era jovem..."), porém o faz com a bibliotecária (min 90. " .. você era tão bonita e fascinante .. e de idade apropriada...").



Feitiço do tempo			
Ano	1993	Duração	101 min.
Diretor	Harold Ramis		
Intérpretes	Bill Murray, Andie MacDowell, Chris Elliott		
Unidade	3.- LIBERDADE		
Gênero	Comédia		
Conteúdos	AC-2, AM-3, L-1, R-4, S-0, V-0		

Resumo

Phil (*Bill Murray*) é o homem do tempo de uma televisão local; com um carácter presunçoso, egocêntrico e muito sarcástico. Em 2 de fevereiro viaja a uma pequena cidade dos Estados Unidos, junto com a produtora Rita (*Andie MacDowell*) e um cinegrafista, onde se celebra o Dia da marmota no qual o despertar de uma marmota hibernada assinala o final do inverno ou seu prolongamento por seis semanas.

Acabada a retransmissão, uma tormenta os fez permanecer na aldeia. Na manhã seguinte Phil se da conta de que continua sendo 2 de fevereiro e que todo o que passou no dia anterior volta a suceder. O tempo não passou.

Só está consciente deste estranho fenómeno, pelo que está condenado a viver sempre neste mesmo dia.

Temas para o diálogo

1.- A verdadeira liberdade me torna realmente livre

O protagonista passa por diversas etapas em como viver seu dia 'perpétuo'.

No início tem uma sensação de incredulidade e surpresa, e de negação do que está acontecendo. Passados uns 'repetidos' dias entende que se nunca haverá o amanhã, poderá fazer o que quiser, sem nenhum tipo de consequência (min. 32).

Nesta fase do filme, Phil usa sua liberdade, sua capacidade para o domínio dos seus atos, para se deixar levar por suas aptidões e aproveitar ao máximo da situação. Isto o leva a comer e beber sem medida, ficar com as meninas, roubar, libertar os seus desejos mais ocultos...

1.- A verdadeira liberdade me torna realmente livre (cont.)

No princípio, este mal uso de sua liberdade lhe proporciona certa satisfação, mas rapidamente se dá conta que isto não lhe completa.

Na seguinte fase, o que tenta é conquistar a Rita, modificando sua personalidade de forma artificial (a base de muitos intentos cada dia) para conseguir parecer-se ao príncipe azul que Rita deseja. Para Phil a conquista de Rita se traduz em poder manter uma relação íntima no final do dia. Seu egoísmo, seu afã por conseguir “seu” objetivo, lhe impede triunfar porque Rita se dá conta de que tudo é um engano, que não é real.

(min 55):

Rita: “Me desejas? Mas nem sequer me conheces.....Isto é amor por ti?”

Desesperado porque nem tudo o que faz (mal) uso de sua liberdade lhe completa, tenta suicidar-se de mil formas distintas, sem conseguir tão pouco sair do Dia da Marmota sem fim, ao que estava unido.

Somente quando começa a preocupar-se com os outros, pelos seus sofrimentos (salvar a vida do indigente, salvar reiteradamente a criança.

Tudo isto é um claro exemplo de como o uso da liberdade entendida como a capacidade para fazer uma coisa ou outra em função de meus ‘apetites’, não dá a felicidade a que todos estamos chamados a conseguir.

A única forma de sair de um mesmo, de sair do dia perpétuo em que estava encerrado Phil é dando-se aos demais, esvaziando-se de si mesmo sem esperar nada em troca. Nesse momento é quando, utilizando sua liberdade, consegue realmente ser livre e amanhecer no dia seguinte além da marmota.

(min 37):

Rita: “...O infeliz concentrado em si mesmo, vivendo perderá seu humanismo...”

2.- O valor da vida cotidiana

Durante o filme se observam as possibilidades de uma jornada segundo se dedique a si mesmo ou aos demais. Através dos personagens de Phil se podem analisar as razões pelo que merece a pena viver a cada dia, dando-se aos demais, do valor que tem os atos de minha vida diária.

Temas para o diálogo (cont.)

2.- O valor da vida cotidiana (cont.)

O dia a dia se pode ver como o descreve Phil quando com os embriagados (min 30):

- *Phil*: “O que vocês fariam se estivessem presos em um lugar, se cada dia fosse o mesmo e nada do que fizesse fosse importante?”

- *Bêbado*: “Este é o resumo da minha vida”.

Ou se pode ver como se mostra no baile ao final do filme, onde cada uma das pessoas que Phil ajudou durante esses dias, lhe mostram agradecidos.



Em um mundo melhor

Ano	2010	Duração	119 min.
Diretor	Susanne Bier		
Intérpretes	Mikael Perbrandt, Ulrich Thomsen, Markus Rygaard, William Jøhnk Nielsen		
Unidade	3.- LIBERDADE; 5.- MORAL		
Gênero	Drama		
Conteúdos	AC-0, AM-3, L-2, R-0, S-1, V-2		

Resumo

“*Em um mundo melhor*” a protagonização dos filhos e suas respectivas famílias.

- Claus (*Ulrich Thomsen*), viúvo e Christian (*William Jøhnk Nielsen*). Uma família desfeita recentemente chegada de Londres depois de perder a mãe após um câncer muito doloroso. Christian não superou a perda.
- Anton (*Mikel Persbrandt*), Marianne (*Trine Dyrholm*) e seus dois filhos: Elias (*Markus Rygaard*), de 10 anos, e outro mais novo, estão separados e consideram a possibilidade de divorciar-se.

Elias é um menino assediado pelos seus companheiros no colégio, até que recebe a ajuda inesperada de Christian. Este ameaça com uma faca na cabeça dos agressores da classe para que deixem Elias em paz.

Logo depois, o pai deste último, Anton, um médico comprometido que exerce no Terceiro Mundo, vem de visita e é atacado por um louco na frente dos meninos, embora ele opta por ignorar e não lutar. Elias, e ainda Christian, não entendem a postura do médico, que está a ponto de desencadear uma grande tragédia.

Temas para o diálogo

1.- A resposta ante a violência: Vingança ou perdão

“*Em um mundo melhor*” nos apresenta duas famílias rompidas, um pelo câncer e outra pelo divórcio, que clama uma segunda chance; a um menino enfurecido com a vida e disposto para se vingar da injustiça, e um outro mais inclinado a rolar com os perfuradores que chegam; Além disso, ele introduz-nos a um pai disposto a ser corajoso, mas não um idiota que usa a força, e a uma sociedade que devem aprender a perdoar a acreditar em um mundo melhor.

1.- A resposta anti a violência: Vingança ou Perdão (cont.)

Susanne Bier oferece uma profunda reflexão sobre as respostas do ser humano ante a violência e a dicotomia entre a sensatez e o caos. Não restringir sequências de grande dureza emocional, sobre tudo o que é relativo a um líder africano que sistematicamente abre com uma faca os ventres de mulheres grávidas...

Se entende em todos os casos que seus personagens se veem tentados ante a possibilidade de vingança, enquanto a racionalidade, a saída mais civilizada, é mais difícil de colocar em prática, e também tem seus acertos, pois as vezes não impede que o agressor siga com suas atividades...

Bier tira a lupa e observa o fenômeno da vingança: ante o mal infligido gratuitamente parece justificar-se a lei do Talião. Frente a esta lógica, Anton, o pai de Elias, encarna uma versão profana do “oferecer a outra face”. Não é um simples pacifista: está certo de que a violência não muda nada, não melhora e nem constrói nada. E sua atitude é julgada como covarde pelas crianças. O interessante é que no passado Anton também proporciona uma imensa dor a sua mulher, e só espera o perdão.

Assim se estabelece a tensão dramática do filme, entre a vingança devida e a sempre desprogramada gratuidade do perdão. A proposta é positiva, porém precária, e deixa uma sensação agridoce, de que esse perdão humano é de curta distância. Apesar de seu final esperançoso, o espectador pode levar para casa o rugido maçante de um tsunami do mal. E que o perdão é algo de ouro mundo.

Não oferece o filme nenhuma resposta aos dilemas morais que levanta, ate que parece que se deseja a porta aberta a reflexão. Bier oferece uma visão do mundo muito atroz, e como em todos os seus trabalhos, estamos ante um drama em lágrimas, mas a verdade é que o cineasta lança algum otimismo, vem a apostar apesar de toda a capacidade de redenção das pessoas.

2.- Dois mundos

Como em Depois do casamento (2006), que foi nomeado para o Oscar por filme estrangeiro, Susanne Bier gosta de contrastar as realidades dos dois mundos que estão anos-luz, a da rica sociedade ocidental e o carente Terceiro Mundo em forma de campo de refugiados - o filme em 2006 era um orfanato na Índia e faz para provar que ambos os mundos não são tão distantes quando se trata de capturar a violência que surge em ambos.

3.- A desestruturação familiar

Na parte que mostra o opulento mundo ocidental, são os conflitos familiares e a falta de estabilidade no entorno familiar o que acaba impulsionando inocentes meninos a se introduzirem em uma espiral de violência muito perigosa que alcança graus perigosos e surpreendentes. Uma de suas piores consequências é o que entorpece a comunicação paterno filial.



Os últimos passos de um homem

Ano	1995	Duração	122 min.
Diretor	Tim Robins		
Intérpretes	Sean Penn, Susan Sarandon, Robert Prosky, Raymond J. Barry, R. Lee Ermey, Celia Weston, Peter Sarsgaard, Jack Black.		
Unidade	4.- PECADO; 5.- MORAL		
Gênero	Drama		
Conteúdos	AC-1, AM-4, L-3, R-0, S-1, V-2		

Resumo

O filme adapta livremente o livro autobiográfico de Helen Prejean (*S. Sarandon*), uma monja católica da Congregação das Irmãs de São José de Medaille, que em 1982 foi conselheira espiritual de um condenado a morte (*S. Penn*) pelo assassinato com violação de um casal de namorados. Se descreve sobre toda a luta sacrificada da monja salvar a vida e a alma do réu, e para erradicar o ódio que domina os familiares das vítimas. A monja centra os seus esforços em tratar de descobrir todos as nuances das pessoas e o que se trata, movida por um amor que é mais forte que o mal que se enfrenta.

O tom é forte, especialmente com a recordação fragmentária do assassinato; mas Robbins não rende quase nunca a mórbida. É, portanto, intacta sua equilibrada crítica da pena capital, através da qual aborda algumas das grandes questões do homem moderno e de todos os tempos: o valor da oração e o sacrifício, a realidade do pecado, a necessidade de arrependimento e de perdão ...

Temas para o diálogo

1. Viver desordenadamente acaba por destruir nos e nos machuca

No filme, Mathew (Sean Penn) levou uma vida dura, num ambiente difícil. Sendo correto, parece que sempre trata de encher balões fora e justificar tudo o que faz. Isto fica claro desde o primeiro encontro entre ele e a irmã Prejean (min. 8). Parece que ele não tem nenhuma responsabilidade em suas ações e defende a sua inocência. A vítima é ele:

Matthew: “Quando recebi sua carta e vi o nome de Helen me lembrei da minha primeira companheira e estava prestes a romper. Ela me entregou, chamou a polícia. Ele deixou órfão nosso bebê...” [...]

Helen: “Sua família era pobre?”

Matthew: “Não há milionários no corredor da morte. [...] Eu não matei ninguém, Carl perdeu a paciência, ficou louco, eu obedeci, pegou o menino e o matou. [...] Eu não matei ninguém, eu juro por Deus.”

Dureza de coração de Mateus, e as consequências de seus erros e crimes (do pecado) fizeram dano direto às vítimas, mas também as suas famílias e ao próprio Mateus e sua família.

2. É possível reordenar a vida e descobrir seu sentido mais profundo

Matthew tem uma atitude desesperada. Sua visão da vida e da sexualidade está condicionado pelas suas experiências. Há uma escuridão em sua visão que o impede de ver as pessoas em primeiro lugar. A irmã Helen começa com um caminho de conversão que ocorre em cada um dos seus encontros. No min. 25, saltam as primeiras faíscas entre eles:

Hellen: Eu não estou aqui para te divertir, tenha respeito.

Matthew: Porque respeitaria?, Porque está usando uma pequena cruz em volta do pescoço?

Hellen: Porque eu sou uma pessoa e todo mundo merece respeito.

A primeira coisa que tenta Helen é conhecê-lo, mas ele também tem que dar-se a conhecer ela mesma.

Matthew: Porque é freira?

Hellen: Senti certa atração, não é fácil responder...

Matthew: Não precisa de um homem, não quer se casar, não faz mais sexo?

Hellen: Tenho grandes amigos. E nunca experimentei a intimidade sexual, mas há outras formas de sentir-se unidos, como compartilhar os sonhos, as ideias, os sentimentos. Isso também é intimidade.

Todo o processo culmina na verdadeira confissão de Matthew (min. 90):

Matthew: Ontem à noite eu me ajoelhei e orei por esses meninos. Eu nunca tinha feito.

Hellen: Existem dores que só Deus pode aliviar. Fizeste algo terrível, Matt, algo terrível. Mas agora você tem dignidade. Ninguém pode tirar isso. Você é um filho de Deus, Matthew Poncelet.

3. Reencontrar o caminho com um bom mestre

Sem dúvida, a irmã Helen torna-se um suporte para Matthew, mas ela tenta que ele seja honesto e reconheça seus erros. Além disso, ela se sente incapaz de lidar sozinha representando nesse caso, por isso, não duvida, em ajudar e oferecer a Matthew a mediação da única pessoa que crê que pode ser um verdadeiro mestre:

Em várias ocasiões, cita passagens da Bíblia, que Matthew frequentemente interpreta mal.

Hellen: O amor de Jesus mudou as coisas.

Matthew: Como eu, hein?

Hellen: Não, Matt, não foi como você. Jesus mudou o mundo com o seu amor e você viu como eles matavam..

3. Reencontrar o caminho com um bom mestre (cont.)

Na execução existem paralelos chocantes com a Paixão de Cristo e permite Tim Robbins redescobrir a autêntica raiz da dignidade do homem (sua condição de filho de Deus) e à grandeza da vocação religiosa. Durante um de seus encontros, a freira diz ao condenado: "*Se eu tivesse marido e filhos, certamente não estaria aqui com você.*" E mais tarde, quando lhe perguntaram por que se tornou freira, a Irmã Prejean diz: "*Eu apenas tento devolver todo o amor que recebi.*" Este é talvez o segredo da energia moral arrebatadora que refina o filme por todos os poros: o poder redentor do amor aos outros.



Jornada pela liberdade

Ano	2006	Duração	117 min.
Diretor	Michael Apted		
Intérpretes	Ioan Gruffudd, Romola Garai, Benedict Cumberbatch, Albert Finney, Michael Gambon, Ciarán Hinds, Rufus Sewell, Youssou N'Dour		
Unidade	3.- LIBERTADE; 5.- MORAL		
Gênero	Drama, Histórico		
Conteúdos	AC-0, AM-4, L-2, R-0, S-0, V-0		

Resumo

Cine histórico de qualidade, da melhor tradição inglesa. Narra a titânica luta conduzida por William Wilberforce (1759-1833) no Parlamento britânico durante mais de quinze anos, para conquistar a abolição da escravatura. O filme combina a narração em dois tempos: a atualidade, que mostraria um Wilberforce cansado porque, apesar do êxito das adesões não atingiu os seus objetivos, e o passado, em que nos mostram os seus primeiros e juvenis confrontos de oratória no parlamento, quando sonha com seu amigo William Pitt em mudar as coisas em tantas ordens, incluindo o tráfico de escravos. Ele serve como inspiração John Newton, negreiro arrependido que agora leva uma vida religiosa, e que compôs a ação de graças o conhecido hino que dá título ao filme, "Amazing Grace", onde se diz esse tão bonito e tão Evangélico "Eu antes era cego, e agora vejo".

Temas para o diálogo

1. O que me oferece o mundo? Cultivar o sentido crítico

O filme se abre com uns créditos que situam a ação: no final do século XVIII, mais de 11 milhões de africanos (homens, mulheres e crianças) foram enviados como escravos para a Índia Ocidental e às colônias da América. A escravidão era a base da economia na Gran Bretanha e era socialmente aceita pela maioria. Alguns poucos se opunham, somente alguns se atreviam a levantar a voz: William Wilberforce foi uma dessas pessoas.

1. O que me oferece o mundo? Cultivar o sentido crítico. (cont.)

Na intervenção de William no parlamento (min. 45) vemos a magnitude do desafio que enfrentará. Assim todos estão contra ele, se provocam e vão.

Parlamentar: *"Acaso meu honorável amigo acredita seriamente que, se abandonar o comércio francês não ocupariam imediatamente o nosso lugar para recolher o nosso plantio?"*

Vemos também que, embora muitos são a favor do que propõe William, têm medo de dizer-lhe (min. 48):

Sr. William Dolben: "Há muitos mais membros da Câmara dos Vereadores que pensam como você, Wilberforce, mas têm medo de falar".

Há até mesmo parlamentares, como Lord Dundas, que são capazes de mostrar a oposição e aceitação ao mesmo tempo (min. 67). Mas a liberdade guiada pela verdade não pode aceitar os dois extremos.

2. A moral em meu coração.

A letra da canção que dá título ao filme nos oferece a chave para entender a trama. Há uma "graça assombrosa" que impulsiona William para continuar, ele estava perdido ", mas foi encontrado", era cego, mas agora vê. Como ele mesmo diz, "Deus me encontrou." Essa perspectiva é o que dá o sustento à ação política. E o que o traz de volta para a carga quando tudo parecia perdido pelas dificuldades.

Como já visto no tema da liberdade, é isso que faz do homem um sujeito moral. No entanto, apenas com as leis e políticas não se cria o húmus moral de uma sociedade capaz de erradicar a violência . Para alcançar uma sociedade mais humana faltam fortes motivações éticas pré-jurídicas e pré-políticas . As leis e políticas justas que reforcem o seu papel reforçar esse substrato moral prévio que elas não podem criar por si mesmas. Como C. S. Lewis escreveu, se todos nós rimos de que diz "isto é justo", apenas quem diz "eu faço".

William tem claras as coordenadas morais de sua vida (49 min.): "Talvez devêssemos começar esta jornada pelo primeiro passo. Nós estamos falando da verdade "

3. O fim não justifica os meios

Os adversários de William e partidários de escravidão têm muitas razões para defendê-la. São motivos econômicos, comerciais, políticos, sociais ... de grande peso, como podemos ver na intervenção de Lord Tarleton no min. 59. Até mesmo da a entender que as próprias vítimas estão a favor: *"Não temos nenhuma prova de que os próprios africanos são contra o comércio."* William Não se costuma à escravidão, para ele é *"como arsênico, cada nova dose tem o dobro do efeito."* Seu senso crítico leva a querer influenciar a sociedade por meio da política, mas antes de mudar Inglaterra, William diz que, *"primeiro eu devo mudar ."*

3. O fim não justifica os meios (cont.)

Sabemos que o ato moralmente bom supõe a bondade do objeto, da finalidade e circunstâncias. Na escravidão, o objeto em si é ruim. É um ato intrinsecamente mau. William quer mudar o mundo, acabar com escravidão. Mas ele sabe que um fim justo e bom requer alguns meios igualmente bons. Por isso se opõe a qualquer forma violenta de mudança. No min. 68 conversa com Thomas Clarkson, que sugere uma forma menos pacífica para atingir seus objetivos políticos seguindo assim o exemplo da Revolução Francesa:

Willam Wilberforce: *Você fala da revolução como algo feito.*

Thomas Clarkson: *São apenas palavras.*

Willam Wilberforce: *Cada dia mudamos as coisas um pouco. A educação, as fábricas ...*

Thomas Clarkson: *Devemos lutar por uma ordem perfeita!*

William Wilberforce: *Eu juro minha lealdade ao rei. [] Thomas, nunca mais mencionar a revolução na minha presença.*

4. Posso perder minha dignidade, a minha vida?

O filme centra-se em um tipo de atentado contra a dignidade humana: a escravidão. Um exercício interessante seria buscar paralelos com situações atuais. Por exemplo, há na atualidade situações semelhantes de coisas socialmente aceitáveis e que poderiam ser rejeitadas no futuro, por ir contra a dignidade humana?

Quando um ser humano chega à violência para se relacionar com o outro, torna-se aparente um déficit de valorização da dignidade humana do sujeito que sofre. A escravidão surge de uma falsa ideia da pessoa.

O escravo não é visto como uma pessoa. No min. 13, vemos que um escravo é oferecido como pagamento em espécie em uma aposta de um jogo de cartas. Neste caso, em que verdadeiramente perde a dignidade é quem comete a injustiça, o Duque de Clarence, filho do rei.

Lord Charles Fox Lembra-nos no min. 104 quem é realmente o homem digno: “Quando as pessoas falam sobre grandes homens, pensam em homens como Napoleão. Homens violentos, raramente pensam em alguém de paz. Mas comparado a recepção, que têm que chegar em casa de suas batalhas. Napoleão chegava rodeado de pompa e poder. Um homem que alcançou o cume da ambição terrena. Mas seus sonhos sempre preenchidos pelas opressões da guerra. William Wilberforce, no entanto, voltará com sua família, descansará a cabeça no travesseiro e lembrará que o tráfico de escravos não existe mais”.

O próprio Duke aplaude Willam quando ele finalmente consegue que se aprove a ata de abolição da escravatura ("*Nobreza obriga*") . William foi enterrado perto de seu amigo Pitt na Abadia de Westminster, uma honra reservada para muito poucos no Reino Unido.



Uma prova de amor			
Ano	2009	Duração	109 min.
Diretor	Nick Cassavetes		
Intérpretes	Abigail Breslin, Cameron Díaz, Jason Patric, Sofia Vassilieva		
Unidade	1.- EU; 5.- MORAL		
Gênero	Drama		
Conteúdos	AC-0, AM-3, L-3, R-1, S-0, V-0		

Resumo

O filme nos apresenta a família Fitzgerald formada por Sara, Brian e dois filhos. A Kate, sua filha de dois anos, lhe detectam leucemia, e a partir deste momento a vida desta família é modificada para sempre.

Os médicos lhe indicam extraoficialmente que a única forma de salvar a Kate era ter outro filho que pudesse ser compatível com ela. E assim nasce Anne, através de um processo de engenharia genética, de forma que seu corpo pudesse fornecer todo o necessário para a sua irmã Kate.

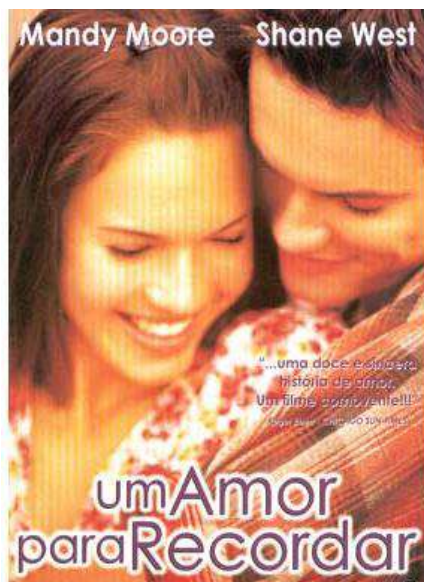
Quando Kate chega aos onze anos, continua muito mal. E nesse momento, e ante a urgência de ter de tirar um rim de Anne para doar a sua irmã doente, Anne se apresenta diante de um advogado para pedir-lhe que reivindique aos seus pais pelo direito sobre o seu corpo.

Temas para o diálogo

Meu corpo é meu?

Neste filme podemos incidir no que significa o corpo: tenho corpo?; ou melhor, sou alguém corpóreo? Frente aos falsos argumentos que costumam se apresentar em temas como o aborto em referência a liberdade da mãe para dispor livremente do seu corpo (quando na realidade seja obvio que não há um, e sim dois corpos que deve ter em conta), neste filme sim, se poderia defender esta postura: minha dignidade como pessoa impede que meu corpo seja usado instrumentalmente, sem meu consentimento, mesmo que seja com fins médicos.

Também dá origem a falar sobre a aceitação da condição mortal de ser humano . Embora possa parecer o contrário pela presença avassaladora de cenas de morte que vemos quase que diariamente, estes são vistos como "estrangeiros". A morte é onipresente na mídia, embora tenha retirado a ideia de "mortalidade" do ser humano.



Um Amor para Recordar			
Ano	2002	Duração	101 min.
Diretor	Adam Shankman		
Intérpretes	Shane West, Mandy Moore, Peter Coyote		
Unidade	6.- AMOR VERDADEIRO		
Gênero	Drama romântico		
Conteúdos	AC-1, AM-3, L-3, R-0, S-0, V-0		

Resumo

Landon (*Shane West*), é um típico rapaz bonitão, popular e pretensioso de um instituto sem grandes abordagens vitais. Por um incidente com um companheiro do colégio, Landon recebe um castigo pelo qual deve realizar uma série de atividades que até o momento eram totalmente alheias ao seu modo de vida: deve ser tutor de outros meninos com dificuldades, nos fins de semana, deve limpar o instituto e além disso, colaborar com o grupo de teatro, onde se encontrará com pessoas opostas aos amigos que tinha até o momento (cultos, comprometidos,...).

Durante os ensaios da peça de teatro, Landon não tem mais remédio que possa ajudar a Jamie (*Many Moore*), filha de um clérigo da qual zombam continuamente os amigos de Landon pela sua aparência e forma de vestir.

Pouco a pouco Landon se enamora de Jamie com o que tem que resolver o conflito interior que lhe supõe a forma de vida que levou até este momento com seus amigos e a vida transcendente e de entrega que começa a compartilhar com Jamie.

Temas para o diálogo

1.- Um verdadeiro amor

Este filme recebeu muitas críticas por alguns 'especialistas' em cinema por parecer um pouco piegas, sentimental e fora da realidade, apresentando um amor romântico onde o sentimento adolescente o invade por inteiro. No entanto, se é verdade que o filme se move em um ambiente típico adolescente, a maneira em que se desenvolve o amor entre os dois protagonistas é totalmente oposta à de outros filmes adolescentes (por exemplo, *Grease*). Neste caso o amor que mostra é um amor criativo, que constrói a pessoa, que faz sair de si mesmo, que cria uns laços de confiança mútuos, e que por suposto não necessita de uma relação sexual íntima durante a etapa do namoro para fidelizar a relação entre ambos.

1.- Um verdadeiro amor (cont.)

A atitude de Landon no princípio parte de um claro egoísmo e de uma superficialidade extrema:

– *Jamie a Landon*: “Não te importam as classes e nem a graduação, mas vêm para a escola, porque você é popular e não quer destacar em nada mais. Somente com um público adiante.”

– *Landon a Jamie*: “Não te importa o que eles pensam de ti?”

De um ponto de vista superficial, Landon Lendon é ele que tem êxito e Jamie a marginalizada da escola, mas de um ponto de vista mais profundo, Jamie conserva sua liberdade interior, sentindo-se completamente segura do que faz, enquanto que Landon aprofundando em sua vida interior, descobre a fragilidade de sua forma de vida.

A relação entre Landon e Jaime vai passando por diferentes fases de amor, entre um homem e uma mulher. Primeiro a etapa do “encantamento”, a atração sentimental de uma pessoa pela outra, que é independente da vontade.

Landon se sente atraído por Jaime, mas não por seus valores externos (beleza, amizade,...), sim por algo que nem ele mesmo entende. Esta atração é irracional já que choca frontalmente com o modo de vida que levava Landon até este momento; o lógico, o ‘razoável’, é ser coerente com sua vida. Lhe deveria sentir-se atraído por uma menina superficial e não por uma menina com a profundidade de valores que tem Jamie.

No princípio, Landon tenta se aproximar dela, mas com o esquema de valores de seu mundo cheio de banalidades (min. 30, cena onde Landon lhe diz que quer ser seu amigo, mas sem que ninguém o veja). Logo este esquema se derruba e Landon passa a seguinte fase do encantamento, onde prescinde de todos os seus egoísmos, de todo o seu mundo para unicamente buscar o bem da pessoa amada.

Isto se vê não só em suas atitudes em geral para o que Jamie precisa, mas também em como lida com o desejo sexual. Se uma pessoa te atrai, começa um processo de paixão, onde é normal que se desperte o desejo sexual em momentos de maior intimidade. Landon consegue mudar radicalmente seu comportamento ante esta situação, que no passado lhe levaria a manter uma relação mais íntima, integrando este instinto em um projeto superior de carinho e respeito a pessoa, não vendo-a como um mero objeto de prazer.

Quando Jamie comunica a Landon a enfermidade incurável que tem, em vez de comportar-se como poderia ter feito antes de conhecer a Jamie (rejeição, alienação, etc.), ele se transforma ainda mais na tentativa de satisfazer todos os desejos que Jamie ainda poderia ter (construção do telescópio) é um amor sincero, completo, pelo qual Landon supera seus mais íntimos egoísmos (pedir ajuda a seu pai que lhe deixou quando ainda era criança). No final do filme, Landon se da conta de que Jamie lhe deu uma visão da vida muito mais profunda, mas real do que ele poderia ter imaginado, e que conseguiu no milagre que Jamie desejou presenciar (min. 97).

1.- Um verdadeiro amor (cont.)

É um Landon transformado, maduro, responsável, muito longe do jovem superficial que era antes de conhecer a Jamie, e com uma visão de amor transcendente que vai além da morte da pessoa amada:

“Nosso amor é como o vento, não se vê mas se sente.”

Por outro lado, Jamie se move em uma escala de valores completamente diferente da de Landon. Ela está aberta a verdadeira amizade, crê nas relações valiosas, sem procurar conseguir nada em troca. É uma pessoa equilibrada e serena, apesar de ter crescido sem mãe e de sua dura enfermidade. Ela gosta de cultivar os seus hobbies. Não é fria e nem indiferente, mas sabe ordenar os valores

O Bem. É generosa, consagra seu tempo livre para fazer o bem, a ajudar na promoção dos demais como voluntária, nos sábados pela manhã, nas “ajudas para os alunos com mais necessidades”.

A Bondade. Embora cause profundo dano, é capaz de perdoar-primeiro a Landon, depois a todos os outros, e o mal recebido não fizeram mudar nem a Ápice sua atitude bondosa na vida.

A Beleza. Ama a arte, a cultura e a natureza. É boa estudante na Escola e participa entusiasmante no grupo de teatro. Sente muito interesse pelos enigmas e a beleza do Universo, deseja ver um cometa...

A Verdade. É verdadeira consigo mesma e com os demais: há coerência entre o que pensa e o que crê, o que diz e o que faz. Embora riem dela, se confessa crente, da razão de sua fé com sensibilidade, sem soberba mas com firmeza, e leva um estilo de vida de acordo com as suas crenças.

Jamie está aberta ao encontro e orienta as relações a níveis elevados. Não deseja formar parte de uma quadrilha com atitudes nada valiosas, mas se relaciona com Landon com a esperança de que em seu interior tenha algo capaz de elevá-lo de nível. “Landon, acredito ter visto algo de bom em você, mas estava equivocada”.

Quando começa a sentir-se atraída por Landon, muda sua escala de valores para poder aproximar-se mais facilmente ao mundo de Landon, e assim poder conseguir seu amor, o que faz é atrair Landon a uma visão da vida e das relações interpessoais muito mais atrativa e plena.

No diálogo com os alunos, temos que fazer-lhes ver que o amor mostram os dois durante o filme é algo irreal, não, que está muito longe de nossas vidas (que é um amor de filme), mas pelo contrário, é um amor realizável que se pode alcançar sabendo entender em profundidade a realidade do amor humano.

1.-1.- Visão transcendente da vida

Landon e Jamie tem duas posturas ante a fé contraposta, e isto em parte lhe faz ter, a princípio, um conceito de amor humano totalmente diferente.

Landon não tem uma visão transcendente da vida. Não entende o que é o amor nem vê algum sentido na dor. Além disso, o abandono de seu pai durante sua infância, lhe fez desejar uma mulher muito profunda.

(min. 26) - Landon: “Uau, que assustador!”, Olhando para uma imagem de Jesus Cristo.

(min. 49) - Landon: “Enviar um cheque cada mês não o torna meu pai..... Nos abandonou.”

(min. 29) – Jamie: “Eu tenho fé, porém você não.”

– Landon: “Não, há muito mal neste mundo.”

Jamie: “Sem sofrimento não há compaixão.”

Por outro lado, Jamie tem uma vida de fé muito profunda, que sabe defender no ambiente hostil em que vive Landon.

(min. 13) - Amigo de Landon: “Se existe algo divino, então porque não te atraiu outro Nova Jersey?”

Jamie: “Está ocupado procurando um cérebro.”

É uma vida de fé que emprega cada momento de sua vida. É uma vida natural, não fundamentalista com lhes parece aos olhos dos amigos de Landon, do qual tem um diálogo contínuo com Ele e com seu pai.

(min. 60) Jamie: “Como vê lugares assim, viver momentos como este e não ter fé?”

– Landon: “Você é sortuda em tê-la.”

– Jamie: “É como o vento: não posso vê-lo, mas senti-lo.”

– Landon: E o que sentes?

– Jamie: “Sinto a maravilha da vida, alegria, amor... É o centro de todas as coisas.”

(min. 25) - Pai de Jamie: “Landon não me agrada, é o pior dos vagabundos.”

– Jamie: “E o que passa com o perdão?”

(min. 48) - Pai de Jamie: “Talvez não te importes o que eu diga mas recorda-te da opinião de Deus.”

– Jamie: “Creio que Ele quer me ver feliz.”